

Nelson de Oliveira

O sumiço das palavras

Ilustrações
Nelson Cruz



Selecionado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e
Juvenil – FNLIJ para a Feira de Bolonha de 2002
Prêmio “Adolfo Aizen”, de literatura infantil e juvenil,
Categoria Infantojuvenil, da UBE-2002

5ª edição
2019

Formato

Copyright © Nelson de Oliveira, 2001

Gerência editorial Cintia Sulzer
Edição Adriane Piscitelli
Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção Paula Godo (ger.)
Roseli Said (coord.)
Projeto gráfico e diagramação Erika Tiemi Yamauchi (coord.)
Nathalia Laia (assist.)
Revisão Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)
Kátia Scaff Marques (coord.)
Rosângela Muricy (coord.)
Ana Paula C. Malfa
Gabriela M. Andrade
Ricardo Miyake
Amanda T. Silva (estag.)
Bárbara de M. Genereze (estag.)
Coordenação comercial Carolina Tresolavy
Impressão e acabamento:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Oliveira, Nelson de
O sumiço das palavras / Nelson de Oliveira ; ilustrações Nelson Cruz.
– 5. ed – São Paulo : Formato, 2018.

ISBN: 978-85-54010-03-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Cruz, Nelson. II. Título.

2018-0245

CDD: 028.5

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

CAE: 641892

CL: 811441

5ª edição

1ª tiragem

2019

Formato

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros, CEP 05425-902 - São Paulo - SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

No tempo em que o tempo falava

1

Pimenta está ansiosíssimo. Resolveu cabular aula em plena segunda-feira, sem ao menos avisar à mãe.

— Ué, está doente? Não vai ao colégio, não? — estranha a empregada.

— Hoje, não. Preciso resolver um negócio.

— Minha Nossa Senhora... Treze anos e já está “resolvendo negócios”? Eu, hein?

Pimenta não dá ouvidos a ela. Também não dá ouvidos ao vento, que vive torrando sua paciência:

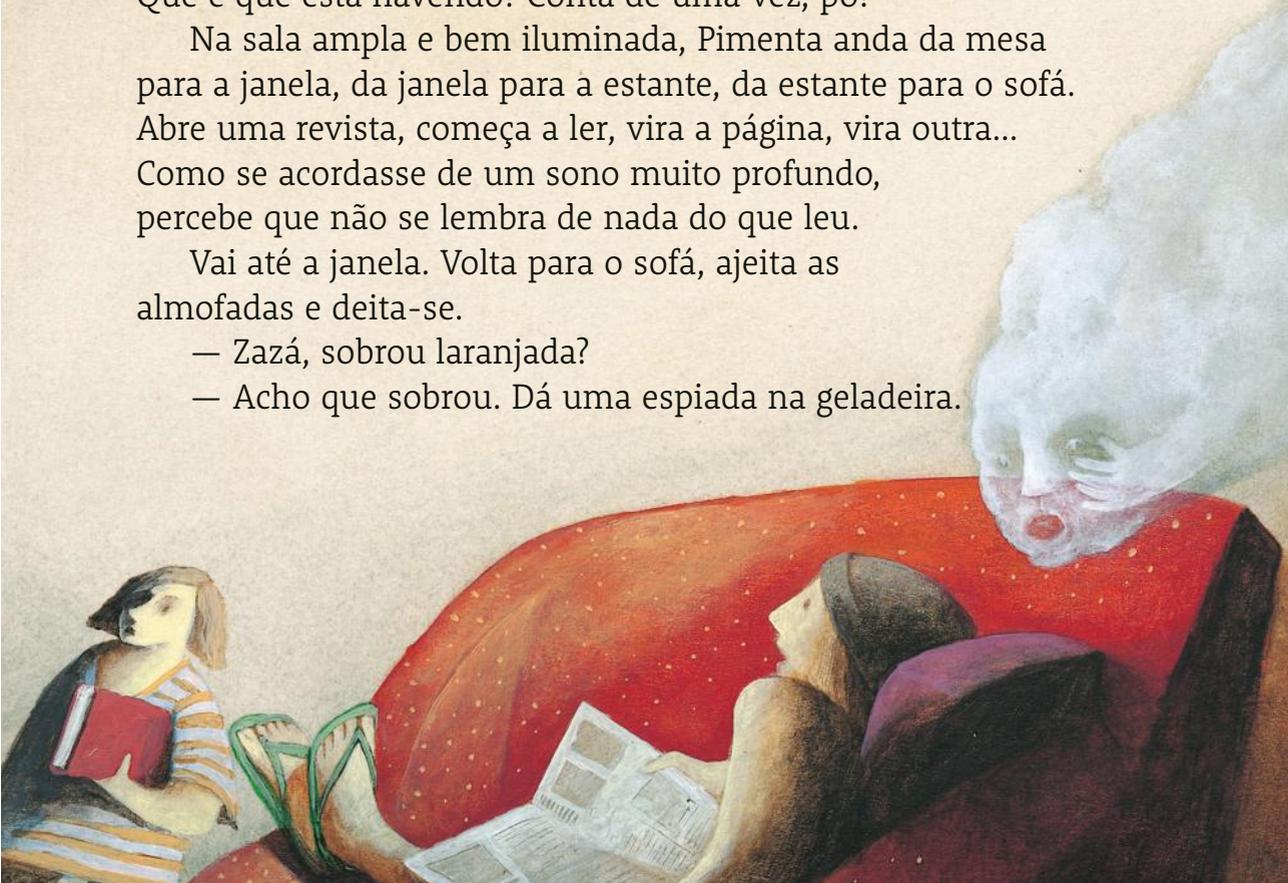
“Conta, vai? A gente nunca teve segredos um para o outro. Que é que está havendo? Conta de uma vez, pô!”

Na sala ampla e bem iluminada, Pimenta anda da mesa para a janela, da janela para a estante, da estante para o sofá. Abre uma revista, começa a ler, vira a página, vira outra... Como se acordasse de um sono muito profundo, percebe que não se lembra de nada do que leu.

Vai até a janela. Volta para o sofá, ajeita as almofadas e deita-se.

— Zazá, sobrou laranjada?

— Acho que sobrou. Dá uma espiada na geladeira.



Anda até a cozinha, serve-se de laranjada e volta ao sofá. Torna a folhear a revista.

A irmã passa por ele, com um livro embaixo do braço. Há dois dias que Marisa passeia com esse livro para lá e para cá. Pimenta para para pensar: “Essa é uma atitude muito suspeita para quem ainda não sabe ler. Se fosse uma boneca, um CD, um desenho animado em DVD, vá lá”. Depois, raciocinando melhor, conclui: “Não. Talvez não seja tão estranho assim. Afinal, o livro deve estar cheio de figuras coloridas e divertidas. Ela na certa se amarrou nelas”. E arremata: “Mas não custa jogar verde para colher maduro. Vamos ver...”.

— Marisa, Marisa, que é que você está aprontando?

A irmã assusta-se com o chamado. Mesmo assim segue em frente, tentando não dar a mínima para ele:

— Não amola! Que mania, você sempre acha que estou aprontando alguma coisa! Não posso ir para o meu quarto, não?

Marisa sobe a escada de madeira, que range um pouco. Entra no quarto e empurra a porta bem devagar, para que ninguém perceba que a está fechando.

— Agora, sim, tenho certeza. Ela está aprontando alguma — Pimenta abraça uma almofada, vira de lado, desvira só a cabeça e grita na direção da escada: — Depois eu é que sou o Pimenta desta casa, né? — E, aproveitando para arremedar a empregada, imita a voz de Zazá: — Só cinco anos e já está cheia de mistérios? Eu, hein?

Zazá retruca, rindo:

— Cinco anos e oito meses, não se esqueça. Ela vira uma arara quando alguém esquece os “oito meses”.

De repente, ruídos na calçada. Ele dá um pulo, como se tivesse tomado uma descarga elétrica das almofadas. Corre, salta a mesa de centro e chega à janela.

— Na mosca!

Encosta-se no batente bem a tempo de ver, no outro lado da rua, Renata e a mãe. Caminham em silêncio, ambas com uma sacola de supermercado em cada braço. As duas são novas no bairro. Mudaram-se há poucas semanas para uma casa

recém-construída, a poucos metros dali. Segundo o que Pimenta ouviu dizer, Renata é órfã de pai, que faleceu num acidente de carro o ano passado.

O vento cochicha-lhe, malandro:

“Então é isso. Sabia que tinha mulher na parada. Dá-lhe, dom Juan!”

Pimenta finge que não é com ele. Olha o relógio no pulso esquerdo.

— Vamos cronometrar. Dois minutos e trinta segundos pra chegarem ao portão.

Dois minutos e meio depois, as duas abrem o portão do jardim.

— *Touché!* Vejamos... Cinco segundos para o cachorro aparecer abanando o rabo.

Dito e feito. No tempo estimado um *fox terrier* desponta no corredor que dá para o quintal.

— Agora é só esperar — sorri, cheio de si, dançando na direção das almofadas e da laranjada. — Dentro de quarenta minutos ela vai estar de volta, mas dessa vez sozinha, a caminho do colégio.

Só então Pimenta se dá conta de que está apenas de bermuda e chinelo.

“Que relaxo! Você vai interceptar a menina vestido dessa forma, vai? Quer matá-la de susto?”

— Tem razão. Preciso causar a melhor das impressões.

Corre para o quarto, veste uma camiseta lisa, hipertransada, com detalhes nas mangas e na gola, troca de bermuda, procura meias que sejam da mesma cor dela — azul-turquesa — e, por fim, calça os tênis com lanternas no calcanhar e faixas amarelo-limão nas laterais.

— Ridículo. É melhor eu calçar algo mais discreto. Pareço um carro de bombeiro.

Enquanto troca de tênis, Pimenta se pega sem querer pensando no livro que Marisa carregava. Era volumoso, pesado, de capa de couro.

— Onde foi que eu já vi aquele livro?

2

O vento sopra numa única direção. Os pedestres, no entanto, não percebem sua presença, pois hoje ele está mais para brisa do que para furacão. Somente Pimenta ouve, às vezes, o zum-zum-zum. Desde que aprendeu a ouvir o vento — devia ter uns oito anos, não mais —, tem de se concentrar nos próprios pensamentos para não ficar escutando as abobrinhas que o dito-cujo diz.

“E aí, Casanova? É hoje o grande dia? Quantos filhos vocês vão querer ter, depois que se casarem?”

Pimenta não se deixa seduzir pelas provocações. Devidamente paramentado para o encontro, atravessa a rua sem ao menos olhar se o sinal está aberto ou fechado. Segue, preocupado, sem saber que estratégia irá adotar.

— Entrar na sorveteria da esquina e, quando ela estiver passando em frente, falar com ela? — pergunta a si mesmo. Logo em seguida, mudando um pouco o tom de voz, responde: — Sem mais nem menos? Nem morto. Vou dizer o quê? “Olá, como vai? Está indo ao colégio? Já reparou como a tarde hoje está muito bonita?” De jeito nenhum. Não faz o meu gênero.

Anda devagar, como se o ritmo dos passos, caso fosse muito intenso, pudesse embaralhar suas ideias.

